



Sobre o valor do ensino de história para a vida

Nilton Mullet Pereira*

Resumo: O artigo é um estudo filosófico sobre o ensino de História na perspectiva dos escritos de Nietzsche. Nesse sentido, com o auxílio do bergsonismo, procura-se colocar o ensino de História no campo do pensamento da diferença. Este artigo não dá conta de proposições metodológicas, nem se vale de pesquisa empírica, apenas propõe pensar o ensino de história como tendo um valor para a vida. As conexões entre a história ciência e a história memória que transita nas escolas, entre os estudantes da escola básica, são o ponto central da problematização.

Palavras-chave: Filosofia da diferença. Ensino de História. Passado

Abstract: This article is a philosophical study on the teaching of history from the perspective of Nietzsche's writings. Accordingly, with the help of Deleuze's Bergsonism, we seek to place the teaching of history in the field of thinking out differences. This article does not account for methodological propositions, nor relies on empirical research; it just proposes to think about the teaching of history as being valuable for life. The connections between science- history and memory-history that goes around in schools, among primary school students, are the focus of the problematization.

Keywords: Philosophy of difference. Teaching of History. Past.

Prólogo

Este artigo se constitui em um ensaio teórico. Quer problematizar o que pode o ensino de História para a vida; não tem a pretensão de propor novas metodologias ou de revelar as falhas nos discursos que povoam a área; quer inserir-se, delicadamente, no campo do ensino de História para filosofar, para se pôr a pensar sobre o que é pensar em História, numa aula de História. E se pergunta: afinal de contas o que criamos quando ensinamos História? É possível pensar no interior de uma aula de História?

* Professor do Departamento de Ensino e Currículo, FAGED/UFRGS. Niltonmp.pead@gmail.com



Uma aula de História é um ato dramático. É um drama em vários atos que se sucedem e se entrelaçam a querer dar forma a um modo de vida estranho, distante e pouco reconhecível. Ensinar História é da ordem do drama, da cena, do jogo, da ficção. Mas, é, sobretudo, do caos vida. Ensinar História pode bem ser o mesmo que expandir a vida, submeter-se à vida, subjugar-se ao impulso vital.

Pensar esse drama é um modo de se por no olho do furacão. No que de imediato cria o problema. Nem descobre, nem coloca um já reconhecido, mas cria o problema e se põe no jogo da solução, que já lhe é parte. O problema é como criar problemas em ensino de História? Como permitir um envahecimento daquele que aprende, quando se dá conta de que está imerso no centro do acontecimento? O problema é como provocar acontecimentos numa sala de aula de História? Como provocar efeitos incorporais que duram no tempo e que se fazem a própria diferença?

Enfim, como a aula de História se utiliza da faculdade do entendimento, mas também da faculdade da imaginação – na medida em que imaginar é um ato do drama que permite o contato com a névoa que encobre os acontecimentos históricos e que bem se lhes mostra a fragilidade de uma definição. Aprender em História, neste caso, é deixar-se envolver pelo drama.

É por tudo isso que o amigo desta tarefa de pensar o ensino de História é Nietzsche. Ele e suas Considerações intempestivas, que, ao martelar sobre o historicismo alemão do século XIX, pensou em uma história efetiva, que pudesse entrar novamente em acordo com a vida. Desse modo e a partir desse texto de Nietzsche, proponho pensar um ensino de História para a vida, que crie problemas, que movimente a imaginação e crie efeitos.

Do tempo e do espaço – a memória e a história

Há a história ciência e há memória experiência. Há o ensino da história ciência e há o ensino da memória experiência. Esta, a memória experiência, não guarda antigos presentes, mas é uma memória que conserva a duração das coisas.

A história conhecimento e a memória experiência. Uma história que conta os fatos do passado e os avalia metodologicamente; uma memória que guarda a duração, a diferença das coisas na forma da experiência.



O ensino de História é um espaço onde história e memória podem ser indiscerníveis. Onde vale o conhecimento e vale a experiência. Os estudantes não estão já dispostos a receber dados verdadeiros sobre o passado, mas mexem nas engrenagens de Cronos e se veem constantemente compelidos ao anacronismo, como forma de absorver a experiência do passado e construir uma nova história, um novo presente. Quando se está pouco envolvido pelo sentido histórico, utiliza-se mais a história para a vida. Assim, a percepção temporal dos estudantes da escola básica, antes de serem submetidos definitivamente ao sentido histórico e à história conhecimento, atesta uma indeterminação da sucessão, atesta, antes, a noção de um tempo como labirinto, não como fluxo. Uma vez que na memória da qual dispõem não há determinação de presente e passado. Trata-se de um tempo que não é um fluxo contínuo, mas é labirinto, é indeterminação. Não há sucessão, só mistura, indiscernibilidade. Logo, não há ordem do tempo, mas “variação infinita”. Nem antes, nem depois, mas um tempo flutuante.

A história e Nietzsche

A História é um relato do saber, das estratificações, das formações. Ou seja, a escrita da história é sempre um relato das formas atuais que recolhemos da memória e dos documentos. Engana-se, entretanto, quem supõe ser a História um mero relato de antigos presentes; engana-se quem supõe ser a História um discurso que rememora nossas lembranças. É bem verdade que ela tem se apresentado assim, em diversas vezes, mas, certamente os historiadores depois de Nietzsche (2005), avaliaram o valor da história para a vida. De certo, que a história que realmente se mostra como um discurso do atual pode e deve se relacionar com o supra-histórico, com o a-histórico, com o inatual, com o que se conserva de todos os passados. Assim, uma genealogia é uma história do saber, mas também uma história do poder. Escrever a história se torna uma descrição de dispositivos.

Implica pensar no valor da história para a vida, de ver na história valores para a vida, ultrapassando o estado de coisas, se remetendo a algo que não pode ser confiscado como um elo perdido nos nossos antigos presentes. Assim, parece que Nietzsche nos instiga a abandonar nossa obsessão historicista e nos propõe deixar levar-se pelo esquecimento. Esquecer como uma impossibilidade que se coloca como um exercício, uma armadura, um equipamento contra o império do presente ou mesmo ou do acúmulo de antigos presentes.



Esse exercício impossível do esquecimento é o que pode fazer cessar a continuidade do tempo, fraturar as relações entre presente e passado e deixar-se levar pelo elemento a-histórico e supra-histórico.

Da crítica ao historicismo

A crítica ao historicismo já é algo conhecido dos historiadores. A crítica voraz aos usos do passado é o que marca, sobretudo, as Segundas Considerações Intempestivas. O sentido histórico da modernidade tomou o passado como lugar do recalque do presente. Como alguém que olha para si mesmo, projetando-se como o ponto culminante de um longo processo evolutivo. A noção de progresso e de evolução são, portanto, o objeto central da crítica nitzscheana. Desse modo, o historicismo ensinou que presente e passado estão separados por uma diferença de valor, assim, o presente avalia o passado, segundo os valores do próprio presente. Isso não seria definitivamente deplorável se esse sentido histórico inaugurado pela modernidade não tivesse feito da história uma ciência.

O recalque do presente se funda não numa busca da experiência do passado para construir um futuro, mas num estudo do passado como objeto de ciência, como tempo morto que nada agrega ao presente, senão que por comparação, senão que por estado originário, primitivo e ainda em falta em relação ao presente. Ora, qual o valor do passado? E qual o valor da história para a vida, se o estudo é de um passado morto, que é apropriado por um cientificismo que lhe guarda a marca do recalque, que lhe faz de objeto de um procedimento comparativo que esvazia a experiência e as potências de vida?

Uma tal noção temporal toma o passado como mero dado da sucessão. Considera o tempo apenas como diacronia, supondo que o único modo de apreender algo de fixo no eterno movimento é contar a história. A história como a fotografia é vista como o modo de apaziguar a angústia do movimento e do devir. A história/ciência do historicismo fixa o tempo nos limites do espaço e afoga o homem moderno de historicidade. O discurso histórico não mantém vivo o passado, mas atesta sua morte. Ao mesmo tempo que a história nos livra de um perpétuo esquecimento, uma vez que o tempo passa e não temos como retê-lo, ela nos recolhe no aconchego de um discurso que marca o passado com uma cronologia que apresenta o ponto no qual estamos no interior de um longo processo evolutivo. Esse discurso histórico atesta a morte do passado e se coloca como o arauto que guarda do que é desde já



incapturável, incompreensível, ininteligível, sem o método histórico. Assim, o passado é recuperado como se fora o retrato do presente, seu outro, que lhe afirma e lhe dá a sensação de estar vivendo na data mais avançada da saga humana.

É assim que a História faz do tempo um inimigo menos poderoso, menos temível, afinal, a história e o ensino de História, procuram, através da palavra, reter algo do tempo que passa e apenas nos revela um perpétuo esquecimento.

Da história tradicional e da história crítica

A história como saber enfraquece a vida, diz Nietzsche, a história saber coleciona, acumula, copia. Tanto na sua forma tradicional, quanto na sua forma crítica a história continua a atestar a morte do passado. A história tradicional optou por fazer do passado objeto de uma grande coleção de acontecimentos, de fatos que parecem se colocar acima e de modo superior em relação ao interprete, ao historiador, ao professor. Enganam-se aqueles que pensam que ela foi sepultada depois do primeiro grito de Marc Bloch (2001). Ela ainda persiste altiva nas escolas, na crença firme de que o passado pode ser recolhido como bibelôs: o governo romano, as causas da revolução francesa, os povos da mesopotâmia. Essa história é parte de um imaginário da História que agencia o tempo todo novos professores, novas figuras que se debruçam sobre um passado morto que pode ser contado com exatidão e coerência às novas gerações. Um passado que se separa de toda a experiência e de toda a vida, afastado do presente, ele parece ser mais um amontoado de “coisas que aconteceram” e que não dizem mais respeito à vida dos estudantes. Não podemos deixar de pensar que as escolas ainda estão povoadas por essa história que recolhe um passado que é o anterior do presente e que mergulha cada vez mais os estudantes no hábito de ver passado e presente como sucessivos e exclusivos.

Esse passado da história tradicional ainda é o lugar da origem. Lugar onde a memória busca justificativas para a existência do presente; fonte inesgotável de um início que parece ser a fonte heroica do passado. Um passado heroico é a outra face dessa mesma história tradicional. Não se trata de tomar o passado como exemplo para o presente, mas de tornar o fazer histórico numa eterna busca da origem. Uma origem imemorial que sustenta e justifica a existência no presente.



A história crítica, que parece supor sua relação com o presente, tornando a história um lugar de guerra e de política, ainda sofre com o mal estar da passagem do tempo. Pois o presente parece se sobrepor ao passado. Negar o passado em favor do presente é o que faz a história ser crítica. Regula, julga, e continua a matar o passado em favor das lutas políticas do presente. A história crítica passa pelo filtro do presente tudo o que ocorreu no passado, de modo que o que viemos a conhecer do passado não é mais do que uma projeção do próprio presente. Ainda, neste registro, o passado é morto. Ele é tomado como a outraidade do presente, como o outro que o presente precisa para compor sua última ópera e estabelecer-se como o ponto mais alto. Não se trata de um esquecimento, mas de uma negação do passado. De uma máxima que se avizinhou do ensino: são as injunções do presente o objeto ideal de ensino. É isso mesmo o que se deve ensinar. O presente – o império do presente.

Do passado

Ora, se tudo é arrastado ao esquecimento, como fazer do passado um emblema para a vida? Como tornar o passado um conjunto de experiências que podem ajudar a produzir a novidade no presente, na direção da criação e da criação de novos futuros? Nem o passado morto da história tradicional, aquele que jaz no seio de um conhecimento científico; nem o passado negado da história crítica, aquele que, ainda morto, é descartado em favor do império do presente.

O ensino de História possui valor quando ele derruba as barreiras sucessivas entre o presente e o passado. Quando passado e presente podem coexistir, sendo o passado, como num exercício de esquecimento, a fonte da vida, da criação, da novidade no presente e na criação do futuro. Se a memória nos livra do perpétuo esquecimento, ela nos oferece, não uma cronologia da nossa vida, não uma sucessão de fatos que passaram e são irre recuperáveis, portanto, mortos. Mas, ela nos faz sentir a duração, partilhando a experiência do passado como forma de repetir um ato criativo original. A memória, que guarda o passado vivo, torna indiscerníveis passado e presente, uma vez que o primeiro coexiste com o segundo, se conservando e tornando o presente, não apenas o resultado do que aconteceu antes, mas a fonte da experiência para o vir a ser.

“O passado coexiste com o presente que ele foi; o passado se conserva em si, como o passado em geral (não-cronológico); o tempo se desdobra a cada instante em presente e passado, presente que passa e passado que se conserva” (DELEUZE, 2007, p. 103).



Assim, o presente não é o sucessor do passado. Uma vez que este último não um sucessor do presente que ele não é maios, mas coexiste com o presente que ele foi. Enquanto o presente é a imagem atual, que passa, o passado é a imagem virtual do presente.

Trata-se de uma lembrança pura o que coexiste com o presente. Lembrança que não se instala na consciência, mas que é o próprio tempo. Um todo que dura. Daí podem se atualizar lembranças empíricas, que assumem lugar na consciência.

Assim a história e, mais particularmente, o ensino de história pode ser tomado numa perspectiva de experiência. O ensino de história como um espaço de encontros com a duração, como a memória, com o que pode permitir um reencontro eterno com diversos modos de dizer e, sobretudo, de experienciar a vida.

O passado visto não como conjunto morto de acontecimentos, mas como tempo que se conserva e nos informa sobre a experiência que só pode ser medida no encontro. Na relação que se dá quando um estudante abre um livro, escuta um professor, se debate com um filme. Nesse encontro o passado vira experiência, vira eterna condição de novidade, e se oferece à construção do futuro. Jamais poderá ser um fato morto, verdade absoluta ou dado acumulado pelo memorialista. Ao contrário o passado é, diz Deleuze (1999), enquanto o presente se volta ao esquecimento.

Desde já o que vemos não é uma experiência cronológica, mas podemos dizer, com Nietzsche, a-histórica. Uma experiência na qual passado e presente coexistem só pode permitir ver o tempo não como cronologia, como sucessão, mas como um labirinto; não como fluxo, mas como indeterminação eterna. Ora, como o ensino de história pode se adequar a tal noção? Muito bem, de modo muito mais fácil que os historiadores a quem compete efetivamente criar uma ciência do passado. Ciência necessária do passado.

Mas, no ensino de história o que é imaginação e o que é realidade não tem limites definidos. Nas relações que se estabelecem quando de um encontro de uma criança ou de um adolescente, ou de qualquer um que não esteja estafado do mal do sentido histórico moderno, nada é definido, o passado não é um fato morto a espera de descrição, mas uma experiência viva que se conserva na medida em que é contraído na memória, e dura. A sina desse passado é retornar, criar novos presentes, permitir novas experiências.

É o passado como acúmulo de experiência que encontra utilidade no ensino de história. Ou seja, o ensino de história é útil à vida, quando pode permitir a expansão da vida, quanto poder permitir a criação de novidades, quando projeta um futuro, um vir a ser, como diferença na História. Porque essa relação entre passado e presente, essa relação que implica



ver o passado como conservado e simultâneo ao presente; essa maneira de considerar o passado como uma experiência viva que se conserva, pode permitir pensar novas subjetividades, novas maneiras de ser, em função de uma aprendizagem com o passado. Não de um conhecimento, mas de uma aprendizagem com o passado. É assim que a História se torna experiência. E é desse modo que preconizamos que o ensino de História pode propor o encontro, os bons encontros em sala de aula.

O passado é construído na experiência que se tem dele. Ela não é uma massa amorfa que está mortificada pela passagem do tempo, mas pura vida que se conserva no tempo. Constitui-se como reserva virtual do presente, e este funciona como a ponta atualizada do passado. Trata-se de uma reserva virtual constituída de pura indeterminação, continuamente se atualizando no presente.

Assim, o estudante pode ter encontros com o passado. Ao invés de contemplá-lo como conjunto morto de acontecimentos, como verdades estabilizadas produzidas pelo rigoroso método científico, ele se torna um misto de imaginação e realidade, de onde só se pode experimentar, levando-o a se tornar fonte de uma aprendizagem, matéria de esquecimento. Ter experiência com o passado é esquecer os fatos, é suspender os ciclos cronológicos do tempo, é reconhecer que na memória dos infantis e dos pouco afetados pelo sentido histórico, não há cronologia, não há espaço, o que é a duração da experiência. É com ela que se aprende e se pode permitir criar.

Do esquecimento

É porque a suspensão de cronos, o esquecimento do presente é o que permite a criação em história. Diz Deleuze (1988, p. 115) que “o tempo se torna sujeito, por ser a dobra do lado de fora e, nessa condição, faz com que todo o presente passe ao esquecimento, mas conserva todo o passado na memória, o esquecimento como impossibilidade de retorno e a memória como necessidade de recomeçar”. Paradoxalmente, aprender o passado é, ao mesmo tempo, um ato de esquecimento. Do mesmo modo, o presente não retorna, mas o passado sempre anuncia um recomeço. Aprender com o passado, numa ação de suspender o tempo, de livrar-se do império de cronos e da face sempre atual do presente, é dotar o ato de aprender com o passado de uma força plástica que torna a história uma arte. Liberar-se do presente é, ao mesmo tempo, afastar-se dele para criar novos mundos possíveis. A criação exige essa situação supra-histórica, de modo que passado e futuro estejam unidos em função da criação



da novidade e a valorização da vida. Pensar significa colocar-se em contato com a reserva do passado e a espera do futuro. Afinal, o pensamento pensa sua própria história (passado), “mas para se libertar do que ele pensa (presente) e poder, enfim, ‘pensar de outra forma’ (futuro)” (DELEUZE, 1988, p. 127).

Da utilidade da história

É assim que a história é experiência. Ao invés de ser fonte de uma sabedoria que calcula a vida e dá lógica à existência, ela é a fonte da experiência que dá valor à vida. Não resta dúvida de que a história tradicional, que recupera os dados do passado encontra utilidade no fato de permitir ao presente compreender as injunções históricas que o constituíram e, ao mesmo tempo, permitem estabelecer parâmetros para saber o que se torna história e o que se perde no esquecimento. O passado nesse caso é herança, herança do que pode se constituir em útil à vida e do que não pode se constituir em utilidade e valor para a vida. Nesse sentido, Nietzsche (2005) considera que a história tradicional tem um papel relevante na construção do futuro. Ela abre um passado tornado visível em seus quadros e enunciável, em suas curvas, para que o presente considere o que deve dar valor e o que não deve dar valor.

Mas, é importante considerar que essa conservação do passado na forma da escrita da História tem o valor de orientar os homens no presente. Então, não se trata, para Nietzsche de um mero acúmulo de saber, mas de um uso do passado, um uso do passado como experiência para construir um futuro. Toda tradição é útil, se se apresenta como fonte de experiência para a criação no presente.

Por outro lado, a história crítica, que empreende uma batalha contra o passado preservado, se mostra útil, na medida em que essa crítica leva o homem à ação, é na ação que se pode desprender-se de um passado que paralisa e impede o crescimento. Assim, a história crítica tem um valor para a vida, na medida em que auxilia na destruição de tudo que impede de olhar para o futuro, para o por vir.

Além disso, a história agrada pelo fato de que ela nos mostra como no ciclo do tempo tivemos mudanças, modificações, transformações que criam um campo de possibilidades de futuro. Ou seja, o fato de o historiador mostrar o passado e as modificações que aconteceram, dá valor à criação e as transformações, abrindo uma fenda para o futuro.

A história tradicional, neste sentido, conserva a memória do passado e, dessa forma, fornece exemplos para a construção do futuro. Essa permanência do passado está no fato de



que, sobretudo, ela permite ver as mudanças e projetar um campo de possibilidades. Por seu turno, a história crítica na sua ação destruidora, permite tirar do passado o que dele parece útil, enseja sempre a história como ação. Ação de intervir no passado e de reconstruir ou interpretar para fazê-lo submeter-se às necessidades do presente.

Ora, num e noutro caso, é preciso extrair daí o tanto que permitem não uma mera conservação de um passado morto, seja para levá-lo ao céu, seja para mergulhá-lo no inferno. Mais do que isso, o que se conserva é a potência de afirmar a vida: por um lado, de mostrar a instabilidade e o movimento que caracteriza nossa leitura do passado, por outro lado, de tomar o passado como pura interpretação. Nesse caso, o passado deixa de ser morto, assim como a escrita da história deixa de ser um relato afastado e objetivo do que ocorreu. O que ocorreu se conserva na vida, na potência de vida, no sopro vital que nos leva ao crescimento e à expansão. E é para isso que a memória experiência serve. A conservação do passado quer dizer que ele não é distante ou exterior ao presente, mas que ele coexiste com o presente e que cada acontecimento abre um tanto de reserva e um tanto de projeção. Uma ponta para o passado e outra para o futuro.

De certo que não se pode dizer que o passado passou, mas que ele se conserva. Não na forma de um conhecimento científico, mas na duração da memória. O presente não é sem o passado que deixou de ser.

Do a-histórico e do supra-histórico

O que mais se pode esperar de uma criança? Senão uma vida no esquecimento. Senão que um mergulho num passado que constantemente se duplica no presente e se faz experiência e duração? É o que se pode esperar do que ainda não tem o sentido histórico, este para quem o esquecimento não passa de um não lembrar. Mas, esquecer é recolher o passado como experiência, na forma de uma memória que jamais cessa, uma vez que liga presente, passado e futuro num só tempo.

É assim que Nietzsche nos chama a reconhecer que o homem não pode abrir mão da lembrança, mas, nos convida a um banquete com o esquecimento. Esquecer é um modo de situar-se fora da história, um modo a-histórico de existir. “Um modo que o homem raramente é capaz de aceder e, em razão desta incapacidade, pode mesmo se tornar infeliz e mentiroso” (2005, p. 25).



Mas, é preciso apaixonar-se para fugir ao presente e situar-se a-historicamente, apaixonar-se demanda uma força plástica que o entendimento não é capaz. Ora, essa maneira a-histórica de vida é aquela que toma cada acontecimento do passado como sendo ele mesmo de toda uma vida, dotado de um impulso vital, condensando em si toda a alegria originária. É um ato de esquecimento, não de abandono do passado ou do presente, mas de esquecimento do sentido histórico, da historicidade das coisas, do modo sucessivo que vemos o mundo. Por isso, a paixão é um exemplo importante dessa maneira de ser, uma vez que ela nos joga, nos arrebatada para além da história, para uma situação que tudo o que acontece está já perdido no tempo, na forma de uma experiência, de um padecimento.

Ao mesmo tempo, Nietzsche nos propõe o modo supra-histórico de existir. Se o modo a-histórico demanda a ação de suspender o tempo cronológico e viver cada acontecimento como o resumo das forças da natureza, o supra-histórico nos chama a atenção para o acaso, para o lançar de dados das forças. É uma existência que supõe que o mundo “chega seu termo a cada momento” (2005, p. 26). Logo, não temos o progresso, não temos evolução, não temos uma lógica na história que nos permite apreender os acontecimentos numa linha ou num processo. O que há é a eternidade em cada instante, condensando presente, passado e futuro num só tempo.

É isso o que permite que em cada acontecimento se possa ver o engenho de uma vida, transpassado que está pelas forças que ultrapassam a sucessão, num devir ilimitado. “As forças a-históricas como a faculdade do esquecimento e da circunscrição num horizonte limitado e as forças supra-históricas como a possibilidade de transferir o olhar do devir ameaçador para um horizonte ilimitado, para algo que afirme a eternidade da existência” (NIETZSCHE, 2005, p. 26).

Do ensino de História para a vida

O ensino de história, então, pode muito bem se servir dos modos de existência a-histórica e supra-histórico, sobretudo, porque o professor de história se depara com formas ainda com contato restrito com o sentido histórico e com a história como ciência. Nesse trânsito sempre contínuo e complexo entre história e memória, o ensino de história pode muito bem se servir da capacidade da escrita da história de mostrar a descontinuidade, que as coisas nem sempre foram assim, ou mesmo de negar o passado para reconstruir o presente, como o fazem a história tradicional e crítica, mas ir na direção de uma outra relação com o



passado. Numa outra dimensão que torne indescernível passado, presente e futuro e pensa os três de uma só vez.

O ensino de História mistura história e imaginação; cria um encontro entre a memória duração/experiência dos estudantes com a história ciência, para mergulhar num tempo sem espaço, num tempo onde a o passado é exemplo, onde o passado não passa, mas se conserva como fonte eterna de aprendizagem para criação de futuros. Os três tempos num só lance.

Epílogo

Devemos aprender da mesma maneira como os gregos aprenderam com o seu passado e com os seus vizinhos – para viver, fazendo uma escolha rigorosa dessas coisas e utilizando imediatamente qualquer coisa aprendida como ponto de apoio para progredir – e ultrapassar todos os seus vizinhos. Portanto, não como eruditos! O que não tem valor para a vida não pertence à história verdadeira. Isto depende da ideia mais ou menos cultivada, mais ou menos vulgar que fazemos desta vida. Aquele que ressuscita a história romana através das repugnantes aproximações com os nossos lamentáveis preconceitos modernos e com a sua cultura efêmera, este peca ainda mais profundamente contra o passado do que o simples erudito que deixa tudo morto e mumificado. (Assim, um historiador frequentemente citado na época, Mommsen, Theodor) (NIETZSCHE, 2005, p. 309).

Do que ele fala Nietzsche, senão de um passado que se torna a projeção do presente, o passado deixa de ser alguma coisa que contribui para a vida do presente e passa a ser o presente projetado sobre ele mesmo. Ora, o passado não é o outro, ainda que projetado do presente, mas o que insiste e coexiste ao presente.

Eis o que incomodava o Nietzsche. Então, talvez, porque tudo o que ele queria era fazer da história não uma ciência – como ele diz textualmente nas suas considerações extemporâneas, mas fazer com que a história tivesse um papel para a expansão da vida. Daí o subtítulo é “Sobre a utilidade da história para a vida”.

Ele afirmava que a história não poderia ser uma ciência do conhecimento, a história não poderia ser simplesmente um objeto do entendimento que mede, que ordena, que classifica, que secciona o passado, tendo em vista uma utilidade do tempo presente, uma utilidade científica do tempo presente.

Para ele ou o estudo do passado é um modo de enriquecer a vida e projetar novos futuros ou não há razão para estudá-lo. É melhor esquecê-lo. Mas, quanto mais se faz da



História uma ciência que é capaz de recuperar o passado objetivamente, menos esse passado tem utilidade para a vida. Aquele que quer “ressuscitar a história romana através das repugnantes aproximações com os nossos lamentáveis preconceitos modernos”, tira dos romanos o que tem de potencial para a aprendizagem, o que os faz fonte inesgotável e ilimitada de possíveis experiências. Não se repete a história, mas se aprende com a experiência do passado. E o pensamento em história, no campo do ensino de história, está justamente no fato de que pensar é passar no meio, inserir-se no interstício da história ciência e da memória/experiência e dali retirar uma experiência singular, que nenhuma escrita e que nenhuma memória empírica é capaz de oferecer. Somente os romanos, vistos por essa flecha que lançamos entre o que eles têm de história escrita, trabalho dos cientistas e o que temos deles numa memória que os alcança na forma da imaginação.

Assim, o conhecimento histórico se torna uma forma de “espiritualidade”. É a recuperação da espiritualidade na sua relação com a verdade que está em jogo (FOUCAULT, 2004). Como na filosofia estoica, onde a verdade não estava separada da espiritualidade. Logo, conhecer consistia em alguma coisa que levava o sujeito à transfiguração. Não se trata de um sujeito de conhecimento que, independe de qualquer disposição ética para conhecer, está predisposto a alcançar a verdade. Na prática do cuidado de si dos antigos procurar a verdade era o mesmo que transfigurar-se, era construir uma interioridade de resistência.

O ensino de história não pode ser simplesmente conhecimento científico, porque é preciso que se apreenda o passado com outras faculdades que não apenas o entendimento. É preciso que se olhe o passado não como um acúmulo que pode ser medido pela ciência histórica, mas é preciso ver o passado com outras faculdades que nos permitam mergulhar nele e absorver dele experiências. Foi o que Foucault fez com o passado grego. Não tomar como modelo, nem fazer acontecer de novo o que lá aconteceu, mas é considerar o passado reserva, reserva de experiência que ensina a produzir problemas no presente.

Referências Bibliográficas

- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007 – (Cinema 2).



DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre história**. Apresentação, tradução e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

Recebido em Julho de 2013

Aprovado em Agosto de 2013